

Amor ou paixão?

Por Juliana Fernandes Gontijo.

Era a primeira vez que Karina via o mar. Madrugada quente. O céu estrelado parecia uma pintura artística. Sim, uma arte indiscutível realizada com os “dedos de Deus”.

Pés firmes sobre a areia. A maré batia na altura das canelas, a água do mar estava morna. A mulher caminhou por longos e preciosos minutos. As horas passavam devagar demais.

Não era verão, em país tropical, porém, a primavera é sempre quente.

Sentou-se na praia. Escolheu aquele lugar para ser um momento de reencontro pessoal. Pensar em tudo o que havia planejado por tanto tempo. E que bom, muito havia dado certo. Alguns projetos deram errado ou não foram bem escolhidos, logo era preciso refletir e tentar corrigi-los, afinal ninguém é perfeito.

Seu objetivo era refletir sobre o seu relacionamento. Na praia, queria “conversar” com o tempo, o melhor amigo de todos os ganhos e todas as perdas.

Uma dúvida lhe percorria profundamente a alma. O namorado, Cristiano, lhe “pressionava para casar”. Ela não se sentia confortável. Por anos, ela se esquivava da situação, porém precisava tomar uma decisão. Um filme passava pela sua cabeça.

Ele era um paciente esquizofrênico que se apaixonou por ela. Com o tempo, o sentimento passou a ter reciprocidade. Diante disso, ela chamou o rapaz para uma conversa com a psicóloga dele. Os três entraram num acordo e ela não o atenderia mais. No início, ele não gostou da ideia. A mulher também tentou negar os sentimentos, afinal, a ética da profissão deveria falar mais alto.

Um dia, eles se encontraram numa festa de amigos. Coincidência ou não, uma amiga de trabalho de Cristiano era prima de Karina. Quando a médica viu o rapaz, teve vontade de sair da comemoração. Por um ímpeto, resolveu se divertir e deixar a vida rolar.

Após a festa, vieram encontros com os mesmos amigos em restaurantes, cinemas. Os dois iam ficando mais próximos. E num réveillon, eles começaram a namorar. No início, eram somente “flores”. Porém, num feriado prolongado, Cristiano teve a primeira crise na frente da namorada. Jamais ela conseguiu entender o motivo do gatilho. De fato, a primeira que havia presenciado dele foi 7 anos antes.

Durante um mês, o rapaz ouviu vozes e não sabia distinguir o mundo real do imaginário. Tentou ameaçá-la com uma faca, pois achou que Tânia, irmã da médica, fosse um ladrão sentado à mesa de jantar. Como era uma emergência, medicou o namorado, mas o levou à clínica onde ele fazia o controle da doença.

Com toda a paciência que Karina tinha, ela não conseguia se “distanciar da médica”. O problema é quem estava ali: a namorada. Ela não tinha estrutura emocional para viver aquele problema 24 horas por dia. No consultório, atendia apenas seis pacientes diariamente, de segunda a quinta e largava a doença deles dentro da clínica. Na vida pessoal, era um suplício ver o sofrimento pelo qual o namorado passava.

Após a crise, a médica procurou ajuda. Na primeira consulta com uma psicóloga, ao expor a situação, a terapeuta lhe perguntou:

— O que você quer para a sua vida? Um amor para recordar ou um paciente para cuidar o resto da sua existência?

— Precisava ser tão direta ao ponto, Vanessa?

— Não me responda agora se não quiser.

A segunda crise veio mais forte. Cristiano tomava os remédios corretamente, mas “sem querer” agrediu a namorada no rosto, o que lhe custou uma cicatriz perto da boca. Veio uma internação de 15 dias. O controle em casa não estava funcionando. Mais uma vez, o tempo passou e ele se recuperou do problema, porém a medicação estava mais forte. Dizia para ela que não poderia viver sem os seus cuidados.

Karina continuava a frequentar as sessões de terapia e ouvia a mesma pergunta todos os dias: “O que você quer para a sua vida?”

Em um dos atendimentos, a psiquiatra pediu que fosse apenas em 10 minutos e lançou uma questão para a psicóloga:

— Acho que todos nós profissionais desta área deveríamos ter um estágio numa casa de um doente com sofrimento mental.

— Entendo o que você diz, Karina.

— Não! Você não entende! Nós, profissionais, vivemos o problema com superficialidade. Hoje, eu vivo muito isso. Talvez não escolheria a psiquiatria se tivesse vivido o problema antes de me formar. Mas eu amo a minha profissão. Os cuidadores vivem o problema 24 horas por dia, 30 dias no mês, 365 dias por ano! Eu não quero isso na minha vida.

— Então responda à pergunta e faça outra: “você o ama?”

Ao se lembrar daquela consulta, levantou-se rapidamente da areia.

Ali ela percebeu o que era aquele relacionamento. Ela não poderia ter pena de uma situação. Procurou o namorado para uma conversa, com a desculpa de que iria fazer uma nova especialização na Europa. Como, naquele tempo, o mundo não tinha as facilidades da internet, logo, Cristiano não teria muitas informações da vida da namorada. Estranhamente, ele entendeu que seria melhor para ela fazer mais especialização:

— Quem sabe assim você encontra a cura da minha doença, não é meu amor?

— Serão 2 anos de curso, Cris. Na volta, eu prometo que a gente vai se casar.

— Ficarei à sua espera, meu amor.

Em menos de 30 dias, a médica já estava com as malas na mão. Era início de uma provável vida nova. O namorado a levou ao aeroporto com a promessa de que, no retorno, eles iriam se casar.

Na despedida, o longo abraço dos dois à frente do portão da sala de embarque indicava que aquele seria o último beijo.

— Eu amo você, Karina.

— Eu também.

A médica atravessou a sala de embarque com a passagem para a África do Sul. A médica havia feito um cadastro para trabalhar, como voluntária, num projeto que atendia crianças recém-nascidas em fase de desnutrição.

Dentro do avião, ao se sentar na poltrona do corredor da quinta fileira da classe econômica:

— Karina? Há quanto tempo!

A médica se assustou ao olhar para o lado e encontrar um ex-namorado do tempo de faculdade. Eles não se viam desde o segundo período.

— Guilherme?! Você por aqui?

— Coincidência, não é verdade?

— Será mesmo? O que tem feito da vida?

— Eu não me formei em medicina. Troquei de curso, hoje sou engenheiro.

— Que mudança hein? E o que faz neste voo?

— Resolvi tirar um ano sabático e vou para a África do Sul. Ficarei ao menos um mês em Joanesburgo. E você?

— Não pode ser? Eu também vou para lá, vou me instalar na periferia da cidade, trabalhando num projeto para crianças recém-nascidas em fase de desnutrição.

— Vamos ficar na mesma cidade, Karina?

— Coincidência, né? Vai saber.

— E a psiquiatria?

— Como sabe?

— Malu, lembra-se da Malu? Ela sempre me dava notícias de você.

— Eu me apaixonei por um paciente esquizofrênico. E agora estou contando o que me aconteceu.

— Hum...

— Acho que teremos muito tempo para conversar, não é mesmo? Um dia, Guilherme, você saberá o real motivo desta viagem.

Sim, aquele foi a última vez que viu Cristiano. Karina nunca mais teve notícias dele.

...

Passados os dois anos do encontro na quinta fileira do avião, quando retornou ao Brasil, já estava casada com o ex-colega de faculdade. Ela deixou a psiquiatria para atender crianças na clínica médica. A experiência como namorada e cuidadora de um paciente esquizofrênico não lhe fez bem para a alma. Infelizmente, não fez. Então escolheu partir para outros rumos. Ela estava finalmente feliz ao lado de Guilherme, um ex-namorado que, por uma coincidência ou um reencontro já escrito nas estrelas, fazia, em fim, sua vida brilhar.

...

Um conto de ficção. Qualquer semelhança é mera coincidência.